

## **Cartas endereçadas aos jovens terapeutas dos dias de hoje**

*Márcia Infante*

### **Introdução**

Esse trabalho visa refletir sobre a técnica da clínica psicanalítica sob a luz da subjetividade do sujeito contemporâneo. O sujeito moderno, sujeito do inconsciente, ou seja, o sujeito dividido pela operação do recalqueamento não é mais apenas o sujeito que busca e frequenta os consultórios dos analistas atualmente.

Freud (1911-1915[1914]/1976), ao escrever os “Artigos sobre Técnica”, tinha como objeto de estudo o sujeito do recalque. Articularei esses estudos freudianos ao roteiro clínico de Calligaris (2008), escrito no livro *Cartas a um jovem terapeuta*, para identificar quais seriam hoje os conteúdos das cartas endereçadas a um jovem terapeuta e com que tipos de recomendações poderíamos orientar aqueles que aspiram a exercer a psicanálise hoje.

A tecnologia penetrou no *setting* analítico gerando transformações nas regras que o constituíam, no que se refere à transferência como via de acesso aos significantes geracionais, ao perfil do analista e sua relação com as redes sociais, a neutralidade analítica face à sociedade do espetáculo, à relação do analista com a família do paciente e com profissionais afins, e o analista no manejo das novas tecnologias. Essa reflexão visa trabalhar esses pontos cem anos após Freud ter formulado os “Artigos sobre Técnica”.

### **O sujeito moderno e o método psicanalítico de Freud**

Visando a compreensão do momento atual recuarei para o tempo em que Freud, da escrivanhinha ao divã, construiu a teoria e a técnica psicanalítica. Seu espírito investigativo e sua humildade em aprender o levaram a dar ouvidos àquelas que no corpo encarnavam um enigma. Da fala das histéricas, o jovem médico inferiu que seus sintomas continham um sentido que suas portadoras ignoravam. Apoiando-se em suas descobertas sobre os mecanismos da formação e da interpretação dos sonhos, ele formulou o aparelho psíquico composto por três instâncias: consciente, pré-consciente e inconsciente. Desde o início, Freud se deparou com a existência de forças que se encontravam em conflito entre essas instâncias. Desse conflito ele depreendeu a censura, que durante a criação do método psicanalítico foi ganhando o protagonismo. Sua função seria impedir que ideias incompatíveis coexistissem na consciência. Caberia à censura selecionar a entrada na consciência de ideias que viessem ameaçar o seu equilíbrio, visando a vida em uma

sociedade civilizada. Nesse sentido, Freud apresentou um aparelho psíquico defensivo, que visaria sempre trabalhar com o mínimo de excitação possível. Configurava nesse cenário um jogo de forças entre ideias inconscientes, a possibilidade de a consciência recebê-las e as exigências da realidade objetiva de uma vida em sociedade.

Avançando em sua investigação, Freud identificou que essas ideias que precisavam ser impedidas de entrar na consciência tinham como solo comum a sexualidade. Postulou que desejos sexuais oriundos das experiências infantis vividas com os pais caem sob recalque e, a partir de então, tornam-se inconscientes, uma vez que vão de encontro à moral civilizada. Essa inconsciência não significa a extinção desses conteúdos, pois, quando latentes urgem para se fazer representar. E, para Freud, o sintoma seria a solução encontrada por cada sujeito para esse conflito de forças. Para o jovem pesquisador, o método psicanalítico visaria tornar conscientes os conteúdos inconscientes. Com isso, o sujeito se livraria de seus sofrimentos, uma vez identificada a causa de seus sintomas.

No entanto, desde os primórdios, ainda quando Freud utilizava a hipnose como meio terapêutico para atingir esse objetivo, ele esbarrou na resistência. Não era fácil a tarefa de fazer entrar na consciência esse material que sucumbira ao recalque, e que se encontrava inconsciente. Longe de desistir da tarefa de construir um método de tratamento, Freud incorporou o manejo da resistência como um objetivo da terapêutica. Concluiu que sem esse manejo não seria possível o alcance dos conteúdos inconscientes, uma vez que quanto mais o analista se aproximava da revelação desse material inconsciente, mais barreiras se erguiam por parte do paciente visando impedir esse feito.

Freud foi mudando seus procedimentos a cada vez que descobria a ineficácia dos mesmos, até que encontrou a regra fundamental do método psicanalítico, através da prática da associação livre. No entanto, a resistência continuava se apresentando, cada vez com mais intensidade, na medida em que as ideias corriam associativamente na direção dos conteúdos recalcados. Algo da ordem do impedimento da cura e da manutenção dos sintomas se apresentou como um rochedo intransponível. A partir daí, para Freud, uma análise não teria como avançar. Seu método dirigiu-se no sentido de pouco a pouco ir aumentando as condições do eu de cada paciente para receber os impulsos recalcados. Para que fosse possível um diálogo entre as instâncias em conflito, e uma suspensão do recalque até o ponto limite, Freud construiu um método de tratamento e transmitiu como recomendações necessárias àqueles que se interessavam em exercer a psicanálise.

## **O sujeito contemporâneo e as novas demandas**

Diante do sujeito contemporâneo, a técnica datada há cem anos se mantém da mesma forma nos dias atuais? O sujeito contemporâneo vive sob a máxima do ‘é proibido proibir’, impelido a um mundo do prazer absoluto. Os sintomas não são mais os mesmos da época freudiana, mas a angústia persiste, uma vez que o sujeito continua tendo que lidar com o real do desamparo, do sexo e da morte. Soma-se a isso, o avanço tecnológico que penetrou no *setting* analítico exigindo novos arranjos no contrato e no manejo da técnica.

Como uma primeira recomendação, eu não me furtaria de alertar ao iniciante da psicanálise, que ao lado do sujeito da tradição, surge também, na clínica psicanalítica atual, uma outra configuração de subjetivação que foge às classificações diagnósticas clássicas de neurose, psicose e perversão. Coelho dos Santos (2001) delineou as coordenadas dessa nova subjetividade a partir do lugar ocupado pelo Outro. Na cartografia dos laços familiares na modernidade a função que cabia ao pai era a de ser um agente da castração. Esse lugar do pai como lei foi pulverizado, uma vez que o Outro contemporâneo, com sua voz ecoando “é proibido proibir”, promoveu uma normatização do imperativo do gozo. Como efeito, o sujeito ficou mais exposto à deriva da pulsão, já que os semblantes que determinavam as diferenças geracionais e sexuais não funcionam como reguladores do sujeito no laço social. O pai moderno, operador do recalque e da sublimação, que dizia ‘não’ ao excesso e ao gozo, declinou na passagem da modernidade para a pós-modernidade.

Seguindo as ideias propostas por Coelho dos Santos (2001), o que veio substituir a operação de recalque da sexualidade foi uma espécie de vivencialismo, que trouxe a reboque um estado de angústia generalizado. Na clínica, esse estado aparece como uma ‘urgência subjetiva’, pois os sintomas não se estruturam mais em função do que falta ao campo dos ideais paternos, e sim, do que falta ao corpo e ao próprio eu. O sujeito deixou de encontrar no campo do Outro o ‘não’ que faça barra ao seu gozo. Coelho dos Santos (2001) compreende que essa ausência de resposta produziu uma proliferação de quadros clínicos: depressão, autodesvalorização, síndromes de pânico, bulimia, anorexia, uso de drogas, consumo desenfreado, excesso de trabalho e insatisfação com a forma do corpo. Tais sintomas indicam que esses sujeitos têm um gosto pelo excesso, uma vez que vivem sob o imperativo do gozo.

## **A transferência como via de acesso aos significantes geracionais**

A próxima recomendação se refere à transferência, ponto central do dispositivo analítico. Foi no caso Dora que Freud (1905/1976) a descortinou como instrumento essencial do método psicanalítico, tanto em sua faceta positiva quanto negativa. No período entre 1912 a 1915, Freud investiu na escrita de artigos visando transmitir suas descobertas a respeito do manejo transferencial. Ele percebeu que cada sujeito tem inscrito em seu inconsciente as marcas das suas primeiras relações de objeto, ou seja, com seus pais. Essas marcas constroem um enredo que se tornará uma fórmula pessoal, através da qual cada um construirá seus laços afetivos. A resolução singular do complexo de Édipo passa a operar como um padrão, determinando, inconscientemente, as escolhas e os sintomas de que cada sujeito será portador.

Em termos do método da psicanálise, Freud (1905/1976) identificou que esse enredo era transferido para a figura do analista, havendo uma atualização do passado no momento presente. Em sua faceta positiva, que representa o amor pelos pais, esse sentimento é transferido de forma amistosa para a figura do analista, garantindo a continuidade do tratamento pela colaboração do analisante. No entanto, Freud identificou que seu alcance era ainda maior, podendo atingir níveis de obstáculo ao tratamento, até mesmo sua interrupção. Para evitar o encontro com o seu desejo e com a angústia proveniente desse descortinamento, o analisante transfere para a figura do médico o padrão que outrora solucionou esses impasses. Em suma, Freud (1914/1976) nos advertiu que, ao invés de recordar e elaborar, o sujeito repete. Como entender a transferência nos dias de hoje, uma vez que o sujeito do excesso não tem suas respostas sintomáticas referidas às figuras parentais?

Para responder a essa questão, usarei a Trilogia dos *Coûfontanes*, peça de Paul Claudel, que Lacan (1960-1961/2010) utilizou em *O seminário, livro 8*, para articular os fenômenos da derrisão do pai e da transferência. Nessa trilogia o referente de Claudel é o pai humilhado, descrito como um ser desprezível. Diante de uma dissolução mais acentuada da função paterna, a peça nos coloca para além de todo o sentido, no extremo da falta. A interrogação “*o que é um pai*”, que reside na base da psicanálise desde seus primórdios através de Freud, ganha aqui uma relevância decisiva, permitindo identificar que do pai do complexo de Édipo para os dias de hoje, a questão do pai mudou significativamente.

Nesse estudo de Lacan (1960-1961/2010) sua intenção era registrar a influência do Outro nas três peças de Claudel, e o efeito desse desdobrado nas três gerações

consecutivas. Na primeira peça, “O Refém”, vemos o logro do sentido, onde o desejo se esgarça sem medidas e culmina no aniquilamento radical encarnado na personagem Sygne. Quando a crença em Deus vacila, surge a figura de um pai, que ao invés de sustentar a lei pela própria palavra, acredita encarná-la. Essa personagem, a primeira da série de três gerações, através da renúncia radical do seu ser, imprime nas gerações seguintes o significante renúncia. Na segunda peça, centro da trilogia, o que se apresenta é o contemporâneo naquilo que ele deixa o sujeito à deriva, desamparado, sem recursos para lidar com a voracidade das exigências da satisfação libidinal, uma vez que esse pai faz operar uma lei arbitrária, que funciona pautada em seus interesses. Na terceira peça, temos a confirmação da inexistência da relação sexual pela abordagem da forma de amar que, no entanto, deixa um resto, um fruto fora da lei através do qual o desejo é relançado.

Essa trilogia indica como as circunstâncias contemporâneas se inscrevem na composição mítica do desejo. Claudel permitiu acompanharmos o modo como as formas de abordagem da lei que cada época delineia incidem na composição desejante. Cabe ao analista atento, identificar a estrutura da fantasia do analisante, levando em conta esse rico legado deixado por Lacan: bastam três gerações para que o analista consiga identificar qual é o significante que as atravessa e componha a fantasia singular de cada analisante.

Lacan ainda nos ensina (1951/1998) que a experiência analítica é dialética na medida e que ela está fundamentada no diálogo entre dois sujeitos. Ele afirma que no caso Dora, Freud mostrou que o psicanalista tem um lugar específico: cabe a ele a função de produzir uma inversão nas proposições discursivas do paciente, visando à elucidação das formas repetitivas pelas quais ele constitui seus objetos. Sendo assim, a transferência não decorre de emoções misteriosas, mas sim, dos momentos em que o paciente paralisa diante da dialética analítica.

### **O perfil do analista e as redes sociais**

Essa recomendação inicial, como as que se seguem, baseia-se na ideia de que é impossível pensar o lugar do analista sem levar em conta a relação da psicanálise com a cultura. E é nesse tópico que me deterei agora, agregando os itens onde Calligaris (2008) desenvolveu questões acerca da figura do analista, tais como: o perfil do candidato, a neutralidade analítica, a flexibilidade do analista, a análise pessoal e o setting analítico.

Do meu ponto de vista, a todos esses itens somam-se, hoje, as influências das redes sociais. A preocupação de Calligaris, em 2008, era que o perfil do analista incluísse a

capacidade de renúncia às gratificações pessoais oferecidas pelos pacientes. Nessa época, era comum que médicos recebessem presentes como reconhecimento pelo êxito do trabalho exercido. Para o autor, não caberia ao analista esperar e nem avaliar seu desempenho por esse critério.

Hoje, é possível considerar que a renúncia de um analista alcança um âmbito muito maior, na direta proporção do grande apelo que redes sociais, como o *facebook* e o *Instagram* demandam e incitam em cada sujeito. As perguntas que me instigam são: um analista deve se apresentar nas redes sociais como um cidadão comum? Ele precisa expor a intimidade de sua vida pessoal? Necessita testemunhar sobre assuntos polêmicos que envolvam partidos políticos ou questões de gênero? Ao fazê-lo, ele estaria se posicionando como psicanalista, como porta voz de uma categoria profissional ou como cidadão? Essa separação é possível? Ela deve ser estimulada ou evitada?

### **A neutralidade do analista face à sociedade do espetáculo**

Essas questões me conduziram a articular a posição do analista com a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967/2003) e com a visibilidade que vivemos nos dias de hoje. Wajcman (2011) afirma que a sociedade atual está orientada por uma hipervigilância sobre seus cidadãos. O sujeito contemporâneo tem o seu íntimo, sua zona de sombra e seu recato submetidos ao olhar de inúmeras câmeras de vigilância espalhadas pelas cidades, deixando-o sem possibilidade de se esconder. A tese do autor é que, na contemporaneidade, “o ver e o ser visto” se tornaram a essência da subjetividade, pois, através de uma transparência total, o sujeito alcança sua verdadeira essência. Se os sujeitos da modernidade ficavam desconfortáveis ao se sentirem expostos, os sujeitos dos dias de hoje, ao contrário, são narcisistas e gozam da exposição. Eles são vítimas ou protagonistas desse sistema? Eles são ingênuos ou arraigados a um gozo exibicionista que os tornam incapazes de fazerem renúncias e adiamentos?

Sabemos que o tempo em que os analistas se vestiam com tons pastéis, em que os consultórios eram decorados com a cor bege, e que os objetos pessoais que denunciavam suas preferências eram escondidos, já se foi há muito. Se antes o silêncio do analista sustentava a sua neutralidade, hoje, uma simples pesquisa no *Google* orienta o analisante a respeito do seu analista. O primeiro contato é feito, geralmente, pelo *WhatsApp* e, através desse aplicativo, o rosto de cada um se apresenta antes mesmo do contato presencial. O telefone fixo tornou-se obsoleto, bem como a secretária eletrônica. Dificilmente encontramos um analista que tenha se recusado a aderir à essas inovações.

Sendo assim, tanto o sujeito que busca uma análise sofreu transformações em seus sintomas, quanto o analista da tradição precisou se reinventar em nome da sobrevivência da sua prática profissional. Nesse sentido, fica a dica para os principiantes: o analista de nosso tempo precisa ter um perfil flexível em relação ao que transborda de demanda do paciente fora do *setting* analítico. A urgência subjetiva da qual são portadores faz com que eles busquem o analista através de mensagens pelo celular ou pelo e-mail, o que denuncia um desaparecimento da capacidade de suportar o tempo de espera entre as sessões.

### **Para além do setting: o analista e seus assessores**

Atualmente algumas famílias desejam falar com o analista e se incluir no tratamento, sem que isso signifique uma invasão ou um boicote. Trata-se de uma demanda para um novo mapeamento familiar. O psicanalista também passou a ser mais exigido que outrora a compartilhar o tratamento de seu paciente com outros profissionais, tais como, neurologistas, psiquiatras, fonoaudiólogos, nutricionistas e psicopedagogos.

O paciente do excesso demanda, muitas vezes, uma rede de profissionais das áreas de saúde e educação. Nesses casos, a rigidez e a neutralidade do analista em nada ajuda. Os sintomas de excesso com os quais nos deparamos atualmente precisam encontrar um analista que, ao mesmo tempo, os acolha e seja capaz de introduzir o eixo da castração, do qual o analista não pode prescindir. Sem essa bússola orientadora, ele fica como um mero expectador e parceiro do gozo do analisante.

### **Análise pessoal: o analista como resto**

É nesse ponto que entra em cena a análise pessoal do analista, a meu ver, principal pilar de todo esse processo, uma vez que é ali onde verdadeiramente um analista se forma. Sustentar o lugar do analista, inevitavelmente, exige que ele não seja mais refém do seu próprio gozo, e a única via capaz de habilitá-lo nesse sentido é a sua análise pessoal. É por isso que uma análise, principalmente a do analista, é terminável e interminável, como nos alertou Freud (1937/1976).

Atualmente as Escolas lacanianas utilizam o dispositivo do passe como um procedimento onde o analista submete à sua análise pessoal, a partir do seu olhar de supervisor de seu próprio caso. A ideia subjacente é o dito de Lacan de que ao final de uma análise o que resta é um analista, no mínimo um analista de si mesmo. O que se espera é que o analista tenha alterado o seu circuito pulsional de forma a atravessar seu

enredo neurótico, se tornando capaz de inventar uma nova saída subjetiva para os seus sofrimentos.

Os testemunhos de passe, atualmente, são abertos, transportando a análise pessoal do analista da Escola, do âmbito privado para o público. Fica fácil identificar que esse procedimento está atravessado pela forma como os laços contemporâneos se constroem: enquanto um analista expõe o seu mais íntimo, estranhos o assistem com muito interesse. Dessa forma, a psicanálise se transmite e se perpetua, na medida em que cria demandas nos ouvintes em se submeterem ao processo analítico.

### **Que mais?**

Para terminar, creio ser relevante pensarmos como as novas tecnologias adentraram no dispositivo analítico transformando o contrato de trabalho, o *setting* analítico e a relação do analista com o saber. No que se refere ao contrato, vemos que o *WhatsApp* trouxe grandes transformações no manejo clínico, que antecedem as entrevistas preliminares e se perpetuam ao longo do percurso analítico. Essa ferramenta se tornou um novo instrumento que o analista contemporâneo não pode e nem deve desprezar. Da mesma forma o *Skype* se tornou um dispositivo que veio substituir as sessões presenciais, permitindo que pessoas incapacitadas de locomoção ou que residam em outros países se beneficiem da análise.

Outro grande feito das novas tecnologias é o número de formações em psicanálise sendo oferecidas pela via *online*. Essas incluem aulas, trabalhos, supervisões e análise, e se estruturam de forma bastante diferente no que se refere à transmissão do saber. Essas novas tecnologias indicam que a figura do analista como ‘mestre suposto saber’ também declinou. A internet, via *Youtube*, possibilita assistirmos conferências e os inúmeros discursos sobre a psicanálise proferidos por inúmeros psicanalistas. Fica a pergunta: será que Freud também utilizaria todos esses dispositivos?

### **Referências Bibliográficas**

CALLIGARIS, C. (2008). *Cartas a um jovem terapeuta*. Rio de Janeiro: Elsevier.

COELHO DOS SANTOS, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand.

COELHO DOS SANTOS, T. (2005). *Sinthoma: corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ.



- DEBORD, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto (Livro publicado em 1967).
- FREUD, S. (1976). “Fragmento da análise de um caso de histeria”. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente escrito em 1901).
- FREUD, S. (1976). “Artigos sobre técnica”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1911-1915[1914]).
- FREUD, S. (1976). “A Dinâmica da Transferência”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).
- FREUD, S. (1976). “Recordar, Repetir e Elaborar”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, S. (1976). “Análise terminável e interminável”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937).
- LACAN, J. (1998). “Intervenção sobre a transferência”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho escrito originalmente em 1951).
- LACAN, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- WAJCMAN, G. (2011). *L’OEIL absolu*. Paris: Denoel.